

CAPTCHA DISSOLVE A NOITE: CONSIDERAÇÕES SOBRE A POÉTICA DO ÍNTIMO DESABRIGO DE TARSO DE MELO

DIANA JUNKES*

RESUMO

Propõe-se uma leitura do poema *CAPTCHA* de Tarso de Melo, publicado em *Alguns Rastros* (2018). Aturdido diante da necessidade de provar (ao computador) que é um ser humano, selecionando imagens na tela, o eu lírico acaba por ser levado a uma reflexão sobre o sentido de ser e estar no mundo. Ao recuperar o tema da modernidade por excelência, situando o poeta como um *flâneur*, mas sem perder de vista a aceleração a que estamos sujeitos em uma sociedade dromocrática, o eu poético reitera o sentimento de deslocamento e desenraizamento do sujeito lírico, mas, paradoxalmente, flana sem sair lugar, diante da tela, dissolvido na noite.

PALAVRAS-CHAVE: *Alguns Rastros*; Tarso de Melo; modernidade; aceleração; desenraizamento; pós-utopia.

ENTRE A LUTA E O DESABRIGO: ALGUNS RASTROS

A poesia brasileira contemporânea é vigorosa. Refuto os discursos que decretam o seu fim ou a sua crise. Múltipla tanto no que diz respeito às vozes, aos diferentes projetos, quanto à pluralidade das temáticas de que trata, sob as mais variadas formas e expedientes poéticos, a poesia aí está, circulando em diferentes suportes. É certo que sua popularidade não é grande – nunca foi – é certo, ainda, que nem tudo o que é publicado sobreviverá depois do lançamento, mas acredito que a poesia

* Docente do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos/ UFSCar, São Carlos, São Paulo, Brasil. Coordenadora do Grupo de Pesquisas Poesia e Cultura/ GEPOC/ CNPq. Bolsista Produtividade do CNPq.
E-mail: dijunkes@ufscar.br

e, extensivamente, os poetas vêm cumprindo seu papel¹. Nesse cenário, Tarso de Melo tem atuado com destaque também crítico, curador de eventos e saraus.

Nascido em 1976, em Santo André, o poeta é um dos mais representativos de sua geração. A sua trajetória literária teve início ainda durante a graduação, no curso de direito, carreira em que se doutorou, em 2013, pela Universidade de São Paulo, e em que atua, dividindo seu tempo entre ela e a intensa atividade literária, criativa e crítica, destacando-se, no atual contexto, sua postura combativa em relação às ameaças à democracia brasileira. Nesse sentido, além de *posts* com viés político nas redes sociais, o poeta publicou pequenas plaquetas, sempre atento à força poética, à linguagem que engaja. Dentre eles, destaco um da série “Poemas Vermelhos”, disponíveis para leitura e impressão no blog do poeta² :

BIOGRAFIA

para Marielle Franco [1979-2018]

depois de ser recolhido
e viajar com os mão-branca
o corpo é exposto
numa sala do Instituto
sobre uma placa de alumínio
sob um lençol velho

a família é chamada

reconhecido, o corpo agora
chama-se crânio, tórax e abdome

¹ A esse respeito, cf. artigo de Ademir Assunção, no jornal *Candido*. Disponível em: <<http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1625>>. Acesso em: 7 abr. 2019.

² Disponível em: <<https://tarsodemelo.files.wordpress.com/2018/10/poemas-vermelhos.pdf>>. Acesso em: 7 abr. 2019. O tema extrapola os limites deste artigo, mas é importante sublinhar que a manutenção de *blogs* pelos poetas amplia a leitura de seus poemas e dá visibilidade às suas atuações em várias esferas da vida artística e cultural.

e os buracos chamam-se cavidades

roupas, documentos e projéteis
são enviados à Criminalística
enquanto o corpo é lavado e pesado

um médico procura no corpo
furos, lesões e também
sinais, tatuagens, cicatrizes

um médico lê o corpo morto
primeiro por fora, depois por dentro

seu nome agora é cadáver
e suas vísceras vão ser expostas
num rasgo que vai do pescoço ao púbis
em forma de Y, T ou um simples I

o legista procura uma história no corpo
um coração esfaqueado, por exemplo,
pode facilitar todo o enredo

de uma orelha a outra
um corte dá acesso ao crânio
e uma serra leva ao cérebro
e a uma infinidade de nervos

encerradas as buscas
quatro ou cinco horas depois
o corpo pode ser costurado
e decorado para o funeral

sua história vai virar um laudo
sua família vai ter uma certidão

não há notícia de laudos
e certidões que registrem sonhos
(MELO, 2018, *on-line*)

Sem alongar os comentários, cumpre destacar que é dedicado à memória de Marielle Franco³ e dá a dimensão da verve do poeta, de seu comprometimento político pela via da linguagem. São riquíssimos os expedientes estéticos que permeiam o poema, amalgamando forma e conteúdo, um dizer sobre a história de Marielle e sobre os limites da linguagem que a poesia ultrapassa para tornar-se manifesto poético, ético e político.

Exemplo disso, é a ironia ácida que percorre o texto (o legista procura uma história no corpo/um coração esfaqueado, por exemplo,/ pode facilitar todo o enredo [...] não há notícia de laudos/e certidões que registrem sonhos/) e torna o lirismo mais pungente, faz converter o corpo de Marielle no corpo do poema que retorna, como uroboro, ao corpo de Marielle, esvaziado de vida, de sonhos, mas transmutado pelas palavras do poema em poesia, ou seja, a linguagem do objeto (no caso, o assassinato de Marielle) converte-se em objeto da linguagem, a poesia. Fugindo do engajamento panfletário, o poeta serve-se de seu instrumento, a linguagem, para denunciar o crime político. Lembro aqui o belo poema de Haroldo de Campos (“Ode explícita (em defesa) da poesia no dia de São Lukács”) em que a poesia é tematizada como uma mulher que não se dobra, *lumpemproletária* detestada por sua força e vigor. Ao ler o poema de Tarso de Melo, ocorrem-me estes versos haroldianos, em que a poesia-mulher (ou mulher-poesia), morta e sobrevivente à história, é cantada:

poesia
te detestam
materialista idealista ista
vão te negar pão e água
(para os inimigos: porrada!)

³ No dia 14 de março de 2018, a vereadora Marielle Franco (PSOL/RJ) foi assassinada em um atentado ao carro onde estava. Liderança importante na luta pelos direitos das mulheres e tendo atuação fundamental junto à Favela da Maré e outras comunidades carentes do Rio de Janeiro, o assassinato de Marielle comoveu o país e a comunidade internacional. Disponível em: <<https://www.mariellefranco.com.br/quem-e-marielle-franco-vereadora>>. Acesso em: 7 abr. 2019.

– és a inimiga
poesia
(CAMPOS, 2005, p. 58)

Em relação à atividade crítica, o poeta teve importante papel na edição da *Revista Cacto*, em parceria com o poeta e crítico Eduardo Sterzi, no início dos anos 2000. No período recente, merecem destaque a coluna na *Revista Cult*, mantida entre 2017-2019, e a organização do livro *Sobre Poesia, ainda: cinco perguntas, cinquenta poetas* (Lume Editorial, 2019), que reúne 50 poetas contemporâneos, de todas as regiões do país, em torno de uma breve entrevista/enquete, comum, e que apresenta um panorama bem interessante de parcela da poesia atual⁴. Em 2018, destaca-se, ainda, a organização de o *Antipássaro* (Martelo Editorial), em parceria com o poeta Paulo Ferraz, que traz reunião de poemas inéditos de Donizete Galvão.

Em relação às atividades de curadoria, Tarso de Melo coordena três importantes encontros: “Vozes e Versos”, cuja organização divide com o poeta Heitor Ferraz, evento regular em que os organizadores recebem, um sábado por mês, três poetas para um bate-papo, leitura e debate de poemas autorais, na livraria Taperá Taperá em São Paulo. Os poemas lidos são publicados em uma plaquete (até 2018 confeccionada pela Editora Quelônio e, a partir de 2019 pela Martelo Editorial). Portanto, estão envolvidos no “Vozes e Versos” poetas, livreiros e editores, fato que merece destaque na atual conjuntura. Ainda sobre a curadoria de eventos, Tarso de Melo deu início em dezembro/2018 a uma série de mesas-redondas, a serem realizadas no Instituto Goethe, que vão se estender ao

⁴ Os 50 poetas foram convidados a responder às seguintes questões: 1. A hiperexposição de tudo que pensamos, sentimos, imaginamos, no tempo real das redes sociais, blogs etc., obriga a poesia a procurar outra coisa para fazer? Se não, por que a poesia não se confunde com isso? Se sim, que outra coisa seria essa? 1. A hiperexposição de tudo que pensamos, sentimos, imaginamos, no tempo real das redes sociais, blogs etc., obriga a poesia a procurar outra coisa para fazer? Se não, por que a poesia não se confunde com isso? Se sim, que outra coisa seria essa? 3. O poeta continua a ser um fingidor e a poesia, um “fingimento deveras”? 4. “Tenho que dar de comer ao poema./ Novas perturbações me alimentam:/ Nem tudo o que penso agora/ Posso dizer por papel e tinta”. Do que seus poemas têm fome? 5. Indique um poema que lhe parece, hoje, especialmente fazer todo o sentido. Por quê?

longo de 2019, sobre a recepção da literatura alemã por poetas brasileiros. Do primeiro encontro participaram Marília Garcia e Guilherme Gontijo Flores.

Por fim, em 2019, vale destacar a curadoria do “Algaravia”, realizado na Biblioteca Mario de Andrade, em São Paulo, encontro em que poetas de diferentes gerações, homenageiam poetas consagrados, lendo poemas de autoria própria que dialoguem com poemas do homenageado, que pode ser tanto um poeta mais velho, já falecido, como um poeta de gerações mais recentes. Do “Algaravia” dedicado a Waly Salomão, participaram Ademir Assunção, Julia Hansen e Reuben da Rocha, poetas de diferentes dicções, consagrados como Assunção, bastante respeitados como Julia e Reuben, este bastante jovem, cuja obra e performances têm merecido destaque entre a crítica de poesia contemporânea. Tarso articula diálogos não muito esperados entre poetas que, de uma primeira visada, não conversariam, justamente por isso, as interlocuções são originais, tecidas pela voz/memória de um poeta que atua como fio condutor do encontro, no caso citado, Waly.

Esse breve panorama mostra uma característica importante da atuação de Tarso de Melo, qual seja, o envolvimento em projetos voltados para a poesia em parceria com outros poetas e críticos, apontando para o diálogo que permeia a sua atuação literária. Além dos nomes mencionados, foram também parceiros em projetos de livros, entre outros, Fabiano Calixto, Reynaldo Damázio, Ruy Proença, Renan Nuernberger. Tem-se, portanto, um poeta que faz parte de uma cena ampla – a dos poetas brasileiros contemporâneos – e de outra mais particular, ligada a um grupo de poetas cujos encontros e atividades literárias na cidade de São Paulo é frequente e cujo convívio e interlocução é fortemente estimulado pela postura agregadora de Tarso de Melo que também participa ativamente de atividades promovidas por Oficinas Culturais e Sistema S (Sesc, Oficinas Culturais).

Todavia é, sem dúvida, em relação à poesia que sua atuação é mais importante e recebe maior destaque. Foram 11 livros publicados em 19 anos. Neles, nota-se uma voz singular que de um lado não esconde as

marcas da tradição que o poeta leu e de que é devedor; de outro, afirma-se traz renovação ao tratamento de temas como subjetividade, experiência e política, enfrentados criativamente com rigor estético por meio de uma poética que denomino “Íntimo desabrigo”, título de um dos livros mais relevantes publicados por Tarso de Melo e sintagma que, a meu ver, representa bastante sua poesia.

Além desta obra, publicada em 2017, que demonstra um projeto em que o poeta chega à nomeação de si mesmo, “íntimo desabrigo”, os livros anteriores caminham para esse *leitmotiv*. Mesmo considerando o amadurecimento da voz poética nos últimos livros, as questões primordiais que a poesia de Tarso de Melo mobiliza (e que o mobilizam) já estavam nos primeiros. Aliás, os títulos de seus livros sugerem esse estado de alma visto de dentro pelo próprio eu poético; visto pelo avesso, entre deslocamentos, indagações e aguda sensibilidade, muitas vezes na cena urbana, nas ruas da cidade, mas com frequência nos espaços domésticos, na vida íntima do poeta e das palavras⁵, em formas tão distintas, do poema em prosa à síntese⁶:

[poema 19 da série Desertos]

SEUS CACOS ao alcance do olho
estilhaços: um cão late
ao longe, talvez ao acaso

o que sobra da vida
entre um e outro passo

⁵ *A lapso*. Santo André: Alpharrabio (1999). *Um mundo só para cada par*, com Fabiano Calixto e Kleber Mantovani. Santo André: Alpharrabio (2001). *Deserto: 20 poemas*, edição do autor (2001). *Carbono*. São Paulo: Nankin Editorial; Santo André: Alpharrabio (2002). *Planos de fuga e outros poemas*. São Paulo: Cosac Naify; Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora. (2005). *Lugar algum: com uma teoria da poesia*. Santo André: Alpharrabio (2007). *Exames de rotina*. Florianópolis: Editora da Casa (2008). *Caderno inquieto*. São Paulo: Dobra Editorial (2012). *Íntimo desabrigo*. São Paulo: Dobra Editorial (2017), *Alguns rastros* São Paulo: Martelo Editorial (2018).

⁶ A transcrição dos poemas obedece à grafia dos livros, portanto, oscila o uso da caixa alta, caixa baixa, títulos ou não.

poça, o que fica da chuva

como uma flor – precisa
em seus disparos; a dor
como presença
nos detalhes; o corpo de
uma cor, seus claros

espaço que se abre
temporário
no agosto desse concreto
armado
(MELO, 2002, p. 57)

demolições

nem tudo nesta casa já cumpriu suas tarefas,
mas vai entregando lentamente mínimas partes,
se despedindo de suas formas pela ação dos dias
tristes: “uma ordem, um estatuto pairava
sobre os destroços, e tudo era como devia ser,
sem ilusão de permanência” – até outra etapa,
cada vez mais lenta, cada vez mais sentida, fria
e aparentemente última, sumindo nas sombras
como todos que dentro e diante dela já pisaram
(MELO, 2007, p. 37)

Lava

intratável
você diz vício

e não há mais
você diz silêncio

onde havia
você diz véu

e tudo de repente
se cobre
(MELO, 2012, p. 46)

Canto

com os pés descalços sobre o país em que nasci
arrasto ideias como correntes de um canto a outro do território
que cabe em minha mente e caio caio caio
arrasto o peito nas inscrições que o passado deixou em cada pedra
espalho o sangue dos ancestrais que desconheço
escrevo inscrevo guardo gravo os segundos nas mangas de mágico
da camisa intocável que resiste ao arrasto
pela geografia desses solavancos em que meu canto quieto pasto
(MELO, 2017, p. 23)

Os poemas indicam, já numa primeira leitura, o desabrigo interno, as ruínas, os objetos infinitamente perdidos, no tempo, recuperáveis apenas pela memória e seus rastros: os cacos da cidade, a casa, o amor. O não lugar da poesia de Tarso de Melo brota *do* mundo interior do sujeito muito mais do que *em* relação ao mundo. Se há desconcerto, é porque antes o deslocamento e o desenraizamento já se colocam no âmago do ser. Entretanto, há, em Tarso de Melo, uma tênue forma propositiva que se não chega a ser otimista, recusa-se tampouco à absoluta distopia ou ao elogio melancólico rumo à ausência de projetos para a poesia, para a vida, para o em torno do poeta, como atestam, sobretudo, os poemas políticos que propõem a ação, a reabertura da história, em sentido benjaminiano (BENJAMIN, 1996). Ao buscar novos relatos, o discurso poético é indignado e, para além disso, reivindica direitos, justiça, democracia.

Ao contrário do que se poderia parecer, a poética de íntimo desabrigo não está circunscrita à perda, mas ao par constatação/combate do desabrigo; se nos poemas líricos a solidão e o desencaixe com o mundo são apresentados como fatos incontornáveis, nos poemas políticos o desabrigo é ultrapassado pela denúncia, pela ironia e proposição de ações. Isso configura uma dupla via na poesia de Tarso de Melo, uma articulação

dialética entre o eu e o mundo que é menos desilusão e mais indagação. Essa dupla via delinea uma espiral, que em movimentos de ir e vir levam o eu poético para dentro de seu íntimo desabrigo e o lançam adiante, num gesto de recomeço, de renovo, algumas vezes com autoironia, resignação e humor, outras vezes como crítica e denúncia contundentes, como se observa no poema dedicado à Marielle Franco mencionado acima.

É dessa forma que os poemas políticos e aqueles que, a despeito de seu *ethos* político, guardam um lirismo mais singular e pessoalizado compõem o projeto poético de Tarso de Melo. Projeto este que toma a poesia como um acesso ao sentido, nos termos de Jean-Luc Nancy (2005) e também como forma de pensamento sobre um mundo em que os rastros não se apagam, mas permanecem como memória, história e lastro da própria experiência.

A meditação sobre a existência na poesia de Tarso de Melo embora possa soar como meramente circunstancial, constatação de fatos, perdidos no tempo e articulados pela memória, guarda uma meditação sobre a poesia, sobre a linguagem que o poeta verte no papel e de que se reveste a sua linguagem.

ENTRE OS RASTROS, A NOITE

A partir das considerações feitas na seção anterior, proponho a seguir uma leitura breve do poema *CAPTCHA*, publicado em *Alguns Rastros* (2018). A meu ver, este poema, como um talismã, evoca o íntimo desabrigo, a política das novas tecnologias que nos assujeita.

CAPTCHA

não sou um robô, juro
mas nem sempre distingo bem
uma rua e outra
placas de trânsito
fachadas do comércio

dos postes, por exemplo,

desvio o quanto posso
porque em toda a cidade
espalham fios, ordens
e os convites que não cabem
nos rumos que a tarde morna
toma (o amor quebrado
que volta rápido, o ouro
mais bem pago, as multas
apagadas, a melhor
travesti da cidade)

não sou um robô, creio
mas talvez não tenha
para lhe convencer
nada além de um jeito de ler
o céu quando o sol se afasta
e essa desconfiança
da noite que invadimos
e nos invade
(MELO, 2018, p. 30)

O poema, construído em versos brancos e livres, organiza-se em três estrofes de tamanhos irregulares. O título faz referência a *CAPTCHA* e a inversão de sua lógica no tempo presente, pois ao contrário do que se supõe, somos nós humanos que agora devemos provar à máquina que não somos robôs, ou, no limite, devemos provar nossa inteligência à máquina. O termo é um acrônimo para “*Completely Automated Public Turing test to tell Computers and Humans Apart*”. Em o “jogo da imitação”, desenvolvido por Turing em 1950, o cientista propõe um teste, administrado por humanos, em que o computador deveria “provar” sua inteligência, num jogo de imitação ao contrário. O jogo consiste na interação entre duas pessoas e uma máquina projetada para comportar-se como ser humano. Se o juiz não distinguir a máquina dos jogadores humanos, isso significa que a máquina terá passado no teste.

O teste converte-se, por conseguinte, em desafio cognitivo, por meio do qual os humanos devem atestar, digamos, sua humanidade; se forem aprovados, confirmam a sentença “Não sou um robô”. Utilizado como ferramenta anti-spam, o tipo mais comum do Teste de Turing Reverso, como também é denominado, é aquele em que o usuário do computador assinala imagens como placas, semáforos e fachadas de loja até que fique comprovado que é, de fato, humano (AHN et al., 2008).

Para além da ironia imposta pela situação que o poema bem demonstra, sobretudo pela mudança de termos entre “juro” e “creio” na primeira e última estrofes, está o sujeito que tenta situar-se na experiência do momento, diante da tela do computador:

não sou um robô, juro
mas nem sempre distingo bem
uma rua e outra
placas de trânsito
fachadas do comércio

Na primeira estrofe, o sujeito se depara com o teste pelo qual a maioria de nós é sistematicamente submetida para acesso a determinados sistemas *on-line*. Dirigindo seu discurso a um “tu” que não se sabe, de início, se é a máquina, ele mesmo, ou outra pessoa, jura que não é um robô – mas ironiza ao dizer que nem sempre distingue bem determinados elementos da paisagem – ou das imagens – talvez seja um robô, portanto, não no sentido da máquina propriamente dita, mas alguém que como autômato, vaga pela cidade, em estilhaços. A convicção se enfraquece na medida em que o olhar que vê as imagens na tela aciona um olhar que se perde no íntimo do sujeito, entre imagens grafadas na memória do *flâneur* contemporâneo, levando-o à meditação sobre a vida, controlada por computadores e outros dispositivos, pela necessidade de interação com a tecnologia e pela conseqüente perda de identidade, que fragmenta a subjetividade na noite.

dos postes, por exemplo,
desvio o quanto posso
porque em toda a cidade
espalham fios, ordens
e os convites que não cabem
nos rumos que a tarde morna
toma (o amor quebrado
que volta rápido, o ouro
mais bem pago, as multas
apagadas, a melhor
travesti da cidade)

Nessa estrofe, com marcada dicção drummondiana, em especial do “Poema de Sete Faces” (ANDRADE, 2003), seja pela bricolagem, seja pela evocação da tarde em que os desejos se ausentam, o sujeito talvez já não saiba mais quem é; talvez desconheça a sua humanidade, ou a razão de existir nesse mundo onde a experiência urbana intensa e veloz, dromocrática, como diria Hartmut Rosa, e as exigências da máquina se misturam ao véu poluído da profusão de informações na tela e visuais, auditivas, táteis (tarde morna) nas ruas. É o sentido da vida, mais que a humanidade, que passa a importar por meio da migração imagética que parte do computador vai à cidade e toca o íntimo desabrigo:

não sou um robô, creio
mas talvez não tenha
para lhe convencer
nada além de um jeito de ler
o céu quando o sol se afasta
e essa desconfiança
da noite que invadimos
e nos invade

Nota-se aqui um espelhamento entre o primeiro verso da primeira estrofe (não sou um robô, juro) e o primeiro verso da última estrofe (não sou um robô, creio) que é o responsável pelo estabelecimento do tom

indecidível apresentado. É só um jeito de ler “o céu quando o sol se afasta” que pode convencer (a máquina? uma pessoa?) da existência real desse sujeito, diante da noite – lida aqui metaforicamente – como o mundo em si, sua urgência tecnológica, sua virtualidade em que o sujeito e este “tu” pressuposto habitam invasivamente enquanto são por ela invadidos, em sua privacidade, humanidade.

PARA CONCLUIR COM UMA ABERTURA À INTERPRETAÇÃO

A poética de íntimo desabrigo de Tarso de Melo carrega toda uma tradição da modernidade, mas demonstra o aprofundamento da solidão, da fragmentação e a circunscrição da persona poética em termos políticos, estéticos, éticos a um contexto dominado pela tecnologia, pela despersonalização, pela ruptura do estado de direito no Brasil. No início, o sujeito poético está seguro de sua humanidade, mas ao final do poema não há certezas, pois a troca do verbo jurar pelo crer, carrega de ironia e lirismo todas as convicções, a cena íntima entre ele e um interlocutor virtual ou real se avoluma, a tela é a *flânerie* onde o *flâneur* contemporâneo mergulha, busca passantes virtuais, tenta suportar as mudanças da vida impostas pela tecnologia, ao mesmo tempo que a cidade lhe penetra a pele, impondo uma poética do corpo, uma política do corpo a esse eu poético: a tepidez da tarde encontra a pele, os olhos que não perguntam nada, porque há muita informação diante deles, o coração de amor quebrado não causa espanto ou dor, é apenas uma constatação.

O cenário poderia ser distópico, mas, a meu ver, a noite que invade e é invadida causa uma tensão, articula uma dialética do ser e estar no mundo que pensa o presente, os limites que ele impõe, não é descrente do futuro, todavia encara um projeto idealizante como inviável e por isso, o íntimo desabrigo de Tarso de Melo, nesse sentido, o projeto poético é pós-utópico, tomando o termo na acepção dada a ele por Haroldo de Campos (1997); substitui o princípio-esperança das vanguardas pelo princípio-realidade, voltado para o agora, para uma reflexão sobre o presente na qual o sujeito poético se engaja. Assim, não se trata aqui das mãos pensas de

Carlos Drummond de Andrade, mas da proposição de uma revisão crítica da experiência por meio da qual a resistência à noite se coloca como a via possível num contexto que pode se tornar tão adverso. Mesmo que haja melancolia percorrendo os versos, o salto participativo do poema – pensado aqui não apenas em termos de uma poética politizada – está em acreditar na poesia como uma via de acesso ao mundo, não para salvá-lo, não para fugir dele, mas para habitar, por meio da linguagem uma pluralidade existencial possível, multifacetada invadida pelo íntimo desabrigo ao mesmo tempo que desabriga a intimidade e a põe nua diante da palavra, esta sim, utopia sempre.

CAPTCHA DISSOLVES THE NIGHT: CONSIDERATIONS ON THE POETICS OF INTIMATE HOMELESSNESS OF TARSO DE MELO

ABSTRACT

This article proposes a reading of the poem *CAPTCHA* by Tarso de Melo, poet from São Paulo, published in *Alguns Rastros*. Stunned by the need to prove that he is a human being, selecting images on the computer screen, the poet ends up being led to a reflection on the sense of being and being in the world, or more than that, in the urban world, because it is the path that the images lead him. In recovering the theme of modernity *par excellence*, situating the poet as a flâneur, but without losing sight of the acceleration to which we are subjected in a democratic society Tarso de Melo reiterates the feeling of displacement and uprooting, to the man that, at the same time, does not move from his place, dissolved in the night.

KEYWORDS: *Alguns Rastros*; Tarso de Melo; modernity; displacement; pós-utopia.

CAPTCHA DISUELVE LA NOCHE: CONSIDERACIONES SOBRE LA POESÍA DE LA FALTA DE VIVIENDA ÍNTIMA DE TARSO DE MELO

RESUMEN

Se propone una lectura del poema *CAPTCHA* de Tarso de Melo, publicado en *Alguns Rastros*. Aturdido ante la necesidad de demostrar qué es un ser humano,

selecionando imágenes en la pantalla del computador, el yo lírico acaba por ser llevado a una reflexión sobre el sentido de ser y estar en el mundo. Al recuperar por excelencia, el tema de la modernidad, situando al poeta como un *flâneur*, pero sin perder de vista la aceleración a que estamos sujetos en una sociedad democrática, Tarso de Melo reitera el sentimiento de desplazamiento y desarraigo del sujeto, deambula sin salir del lugar, frente a la pantalla, diluido en la noche.

PALABRAS CLAVE: *Alguns rastros*; Tarso de Melo; modernidad; desarraigo; pos-utopía.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo. In: _____. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. São Paulo: Argos, 2009. p. 25-54.

AHN, Lois von, et al. ReCAPTCHA: Human-based Character Recognition via Web Security Measurements. *Science*, v. 21, set. 2018. Disponível em: <<http://www.sciencemag.org/content/321/5895/1465.full.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

ANDRADE, Calos Drummond. Poema de sete faces. In: _____. *Alguma poesia*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

ASSUNÇÃO, Ademir. Divergências como mote. *Candido*, 2019. Disponível em: <<http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1625>>.

Acesso em: 7 abr. 2019.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CAMPOS, Haroldo de. *Alguns rastros*. São Paulo: Martelo Editorial, 2018.

_____. *Íntimo desabrigo*. São Paulo: Dobra Editorial, 2017.

_____. Ode (explícita) à poesia no dia de São Lukàs. In: _____. *A educação dos cinco sentidos*. São Paulo: Perspectiva, 1985.

_____. Poesia e modernidade: da morte do verso à constelação; o poema pós-utópico. In: _____. *O arco-íris branco*. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p. 243-270.

MELO, Tarso de. *Carbono*. São Paulo: Nankin Editorial; Santo André: Alpharrabio, 2002.

_____. *Lugar algum: com uma teoria da poesia*. Santo André: Alpharrabio, 2007.

NANCY, Jean-Luc. *A resistência da poesia*. Lisboa: Cotovia, 2005.

TURING, Alan. Computing Machinery and Intelligence. *Mind*, New Series, v. 59, n. 236, p. 433-460, Oct. 1950. Disponível em:

<<http://www.jstor.org/stable/2251299>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

Submetido em 02 de outubro de 2019

Aceito em 16 de dezembro de 2019

Publicado em 25 de fevereiro de 2020
